

Povos Indígenas no Brasil

Fonte DESP Class.: Uru-eu-uau-uau
 Data 12/03/82 Pg.: 90

Fora de perigo o sertanista atacado

Da sucursal e do correspondente

A Funai informou, ontem, em Brasília, que o sertanista João Maia Brito, ferido terça-feira, num ataque dos índios uru-eu-uau-uau, em Rondônia, já está fora de perigo. Hoje mesmo ele poderá contar como ocorreu o ataque no posto de atração de Alta Lídia. O delegado da 8ª Delegacia Regional da Funai em Porto Velho, Apoena Meirelles, comunicou à presidência do órgão que dez índios retornaram ao acampamento da Funai ontem, iniciando-se um novo contato amistoso com os sertanistas da fundação. Entre estes índios estariam alguns que participaram do ataque à frente da atração.

Não se sabe, ainda, que motivos levaram os uau-uau a atacar a frente da Funai, mas acredita-se que possa ter havido uma dissidência no grupo, já que poucos índios participaram do conflito. Estes índios estão em contato com a Funai desde 1973, mas a frente esteve desativada por alguns anos, até Apoena Meirelles assumir a direção da 8ª DR. Os uau-uau pertencem ao grupo "pano" e junto com outro grupo arredio, os carapretas que vivem na mesma região, não chegam a 1.000.

O sertanista João Maia, segundo a Funai, foi atingido por duas flechas:

uma no omoplata, que perfurou o pulmão, e outra na altura dos quadris, perto da coluna vertebral.

Exploração de minérios

O presidente da Funai, coronel Paulo Leal, disse ontem, em Manaus, que qualquer exploração de minérios ou atividades industriais em áreas indígenas só será feita com o prévio consentimento das comunidades, para evitar que surjam conflitos entre índios e brancos, como já ocorreu com os sataré-mauê, no Amazonas, Gaviões, no Pará, e Suruí, em Rondônia. Paulo Leal informou que essa decisão corresponde a um anseio das comunidades indígenas, que desejam ser ouvidas quanto à conveniência econômica de qualquer exploração em suas reservas.

Ele negou que a reserva dos Vaimiri-atroari tenha sido invadida por uma empresa de mineração, para explorar uma jazida de cassiterita, como denunciou há alguns dias o Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Segundo a denúncia, a reserva teria sido reduzida para permitir que a empresa de mineração tivesse acesso à jazida. "A empresa é a Paranapanema — disse — mas sua atuação está fora da reserva." Paulo Leal observou que qualquer área indí-

gena está aberta à visita de qualquer jornalista, "para que a imprensa possa ajudar a Funai a identificar os problemas e evitar futuros conflitos entre brancos e índios".

Segundo o presidente da Funai, o órgão tem se preocupado bastante com a saúde do índio brasileiro que, para ele, "vive hoje uma situação muito boa. Os problemas, os conflitos existem, mas estamos procurando solucioná-los da melhor maneira. A principal preocupação nossa, hoje, é preservar a integridade das reservas indígenas". Dele foi a Manaus assinar convênios com algumas cooperativas indígenas, para o desenvolvimento de projetos agrícolas, e entregar um cheque de Cr\$ 5 milhões aos índios sataré mauê, como indenização da Petrobrás pelos danos causados na floresta da reserva do rio Andirá por uma empresa estrangeira que estava fazendo prospecção de petróleo sob contrato de risco.

Para o presidente da Funai, a decisão do governo de interditar uma área de 7,7 milhões de hectares para a criação do Parque Ianomami, em Roraima, mostra que "o governo não é um genocida, e que seu interesse é o de preservar a cultura indígena, sem deixar de lado a sua integração, que deve vir paulatinamente, para que os valores tribais sejam conservados".